

---

---

# A PROBLEMÁTICA DA FORMAÇÃO DOS ADMINISTRADORES: O EMPREENDEDORISMO COMO ALTERNATIVA DE ADAPTAÇÃO NO ENSINO DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

---

---

Dilson Tomio (FURB)  
Marianne Hoeltgebaum (FURB)

## Resumo

A contribuição das universidades é fundamental dentro do processo evolutivo sócio-político-econômico da sociedade. Dentro deste conceito, torna-se importante descrever a situação atual das universidades, seus problemas e como superá-los. Assim, este artigo tem entre seus objetivos relatar, segundo a opinião de vários autores, a situação de dificuldade em que se encontram as universidades, principalmente quanto a sua função em formar administradores qualificados para as necessidades do mercado local e em desempenhar seu papel de ensino, pesquisa e extensão. Como principal linha adotada nas críticas ao ensino superior de administração de empresas utilizou-se, a linha de pensamento desenvolvida por Tragtenberg (escritor brasileiro falecido há poucos anos), voltando-se principalmente contra a esclerose burocrática das instituições. Tomou-se o cuidado neste artigo, em utilizar somente a literatura nacional e críticas existentes na mesma.

Após a fundamentação da problemática nas universidades, argumentou-se por meio de levantamento bibliográfico e pesquisa junto aos alunos da disciplina de formação de novos empreendimentos no curso de administração da Universidade Regional de Blumenau – FURB, a necessidade da formação de empreendedores ao final do curso de administração. Por fim, apresenta-se uma proposta de como ensinar o empreendedorismo nas universidades foi realizada com base na pesquisa feita junto aos alunos da FURB (além de outras pesquisas citadas neste trabalho).

## INTRODUÇÃO

O ministério da educação para os cursos de graduação, como o de administração, considera necessário em seu processo pedagógico um estudante com habilidades técnicas e formação humanística. Ou seja, em outras palavras o administrador tem que estar qualificado para tomar decisões dentro do ambiente em que está inserido. Para SILVA FILHO *apud* PANTZIER (1999, p. 18) “o ensino superior é o meio de onde sairá inegavelmente a geração que será o futuro, responsável pelos destinos do país, seja no magistério, na administração

pública ou privada, na área de tecnologia e científica, seja desempenhando as funções de analisar e planejar as mudanças no quadro nacional, cabe a ele, ao ensino superior, a grande responsabilidade de prover a comunidade de líderes”.

PAES-DE-PAULA (2001, p. 78), seguidora do legado deixado por Tragtenberg afirmou que *o administrador deve ter consciência da grande influência de suas decisões sobre as esferas social, política, econômica e ecológica [...] entretanto, um exame da realidade atual evidencia que ainda há um longo caminho a percorrer e comprova a persistência de traços de delinquência acadêmica na pesquisa e ensino da administração no país*. Ou seja, a tríplice função<sup>i</sup> universitária não está sendo bem desempenhada.

Os cursos de administração, que por sua natureza estão correlacionados com o mundo empresarial e dos negócios, estão mais voltados à formação de profissionais que atuarão nas empresas como gerentes ou empregados, do que como empreendedores. Formam alunos que exercerão demanda por empregos quando formados, onde o ideal seria a formação de empreendedores que, após seus estudos aumentariam a oferta de empregos com suas novas empresas.

Em sua obra como tornar-se empreendedor (em qualquer idade), o autor BERNHOEFT (1996) afirma que uma das instituições que deverão levar em conta as alternativas não convencionais de trabalho, depois da família, é a escola<sup>ii</sup>. Despreparada e muitas vezes arcaica, essa instituição tem se concentrado, nos últimos anos, simplesmente na formação de empregados. O que se torna importante assinalar é que a escola necessita repensar seu papel nesse processo com urgência. Principalmente a partir das profundas mudanças que estão ocorrendo na economia e no mundo do trabalho, a escola não pode mais ser um simples agente que forma pessoas eficientes e adaptadas para o emprego convencional. As novas relações de trabalho, bem como as oportunidades, têm características muito diferentes. Depois da família, a escola é o maior agente de influência sobre as decisões da vida (pessoal e profissional) dos indivíduos na sociedade atual. A cada dia seu papel e importância aumentam. Para fundamentar este posicionamento, é da maior importância que sejam considerados currículos que não visem apenas um emprego. É necessário entender que se está preparando alguém para a vida, em que o trabalho é um dos componentes importantes<sup>iii</sup>.

Outro aspecto que caracteriza os cursos de administração é a disseminação da cultura da grande empresa em seus estudos. A maioria dos professores adotam livros americanos com técnicas administrativas utilizadas em grandes empresas. O estudo de caso, técnica de ensino muito utilizado atualmente, na maioria das vezes, também fazem referência a casos de grandes corporações.

Entendo-se, essa orientação como equivocada, pois a maioria da economia brasileira - em produção e/ou em empregos -, é formada por micro, pequenas e médias empresas. Somente 0,67%<sup>iv</sup> correspondem às grandes empresas<sup>v</sup> no número total das empresas registradas no Brasil. Conseqüentemente, a grande maioria dos alunos atuará em seu futuro nas micro, pequenas e médias empresas, seja como empregado ou como dono de um negócio.

Outro problema das universidades brasileiras é o direcionamento dos cursos para a área industrial, com grande fundamentação nos estudos da administração da produção, quando a realidade dos negócios, mais especificamente na região de Blumenau, aponta para um claro aumento da participação do setor de serviços. No Brasil, a economia também apresenta esta

característica. Por que não aprofundar nas universidades, o estudo da administração voltada à prestação de serviços?

Em Administração de Serviços, NORMANN (1993) insere dados do IBGE que evidenciam a supremacia do setor de serviços:

**Tabela 1:** Participação Porcentagem dos Setores no Produto Interno Bruto Brasileiro

Ano	Indústria	Agropecuária	Serviço
1975	40,37	10,75	48,88
1980	40,58	10,20	49,22
1985	38,73	9,00	52,27
1990	34,31	9,12	56,67

Fonte: Anuário Estatístico do IBGE (2000).

Outro aspecto que necessita de reorientação nas universidades brasileiras, principalmente às que possuem cursos na área de Ciências Sociais Aplicadas é o distanciamento dos seus cursos das entidades de apoio às empresas, como: SENAI; SESI; SEBRAE; SENAC; sindicatos patronais; associações industriais; associações comerciais; sindicatos de empregados e outras entidades.

Para DOLABELA (1999, p. 35),

*muitas de nossas instituições de ensino estão distanciadas dos “sistemas de suporte”: empresas; órgãos governamentais; financiadores; associações de classe; entidades das quais os pequenos empreendedores dependem para sobreviver. As relações universidade-empresa, indispensáveis na formação de empreendedores, são ainda incipientes no Brasil.*

BERNHOEFT (1996) afirma que a modernização dos cursos superiores exige revisões curriculares, bem como alterações na forma como os professores se preparam e até mesmo na relação que a escola mantém com a comunidade em que está inserida. Segundo ele, a escola deverá compreender que seu grande cliente não é o aluno, mas sim, a sociedade que aproveitará ou não, o indivíduo que a instituição forma ou deforma.

Outro problema do ensino nas universidades brasileiras, principalmente nos cursos de administração é o excesso de estudos de teorias fundamentadas em “modismos” gerados pelos grandes gurus internacionais, normalmente distanciados da realidade das empresas de menor porte e locais.

Reafirmando essa idéia, PAES-DE-PAULA (2001) diz que nas escolas de administração locais, os conteúdos se desenvolveram no campo da gestão empresarial, durante o século XX costumavam ser reproduzidos dentro da reflexão ou contextualização histórica, onde, os esforços de atualização se restringem a lançamentos de *handbooks* e outros livros didáticos, geralmente traduções de obras próprias de *mainstream* norte-americano.

De 1961 até 1993 foi realizada uma pesquisa sobre a produção acadêmica publicada na revista RAE por BERTERO e KEINERT (1994) onde, constatou-se que a produção desse período teve sua principal base o material divulgado internacionalmente, podendo

caracterizar-se pela administração de *best-sellers* da área<sup>vi</sup>. Nas obras de MACHADO-DASILVA, CARNEIRO DA CUNHA e AMBON (1990), BERTERO e KEINERT (1994), VERGARA e SOUZA (1995), BERTERO, CALDAS e WOOD JR. (1999) e PAES-DESOUZA (2001) de uma forma geral, todos autores concordam que muitos dos trabalhos nacionais existentes são trabalhos sem relevância para a construção de um conhecimento prático ou teórico de relevância acadêmica. Os autores ALCADIPANI e BRESLER (2000) afirmam que está ocorrendo um processo de “macdonaltização”, onde as “universidades-lanchonete” e, professores “adestrados” utilizam recursos pirotécnicos para apresentar “receitas de bolo” e “doutrinas sagradas” dos manuais do *management*.

## **O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO COMO ALTERNATIVA PARA A MELHORIA DOS CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO**

O ensino superior brasileiro nos cursos de administração, apresentam desvios em relação à formação requerida pelas organizações e pela sociedade, principalmente em função do distanciamento destes cursos com a realidade sócio-econômica na qual estão inseridos.

TRAGTENBERG (1979) acreditava que para as universidades a alternativa para seu desenvolvimento era a criação de canais de participação real de professores, estudantes e funcionários do meio universitário, que contrariam à esclerose burocrática da instituição. Ele apostava no poder transformador da educação, defendendo uma pedagogia literária<sup>vii</sup> que valorizava, sobretudo, a autonomia e a determinação humana.

DORNELLAS (2001, p. 55) afirma que *o ensino universitário deve mudar, já que forma empregados moldados para trabalhar em grandes organizações; está na hora de ensinarmos aos jovens que eles têm outra alternativa: ser patrão.*

É importante contextualizar o início do ensino sobre empreendedorismo no Brasil; em 1981 foi criada pela primeira vez na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas a disciplina sobre novos negócios, dirigida ao curso de especialização em administração. Segundo o Instituto Euvaldo Lodi (IEL/CNI) existem 113 departamentos de universidades que contam com programas de empreendedorismo, o que somou ao fim de 1999, 8 mil estudantes formados.

Em muitos aspectos têm que se concordar com o consultor, professor e pesquisador de administração, Daniel Nascimento e Silva<sup>viii</sup>. Segundo ele o empreendedorismo tornou-se em vários casos um modismo universitário, e como todos os temas que são modismos, poucos são os profissionais que se dedicam com a intensidade e profundidade necessários para tratar desses assuntos, mas claro que muitas exceções podem ser observadas. Segundo Daniel, nos Estados Unidos, o empreendedorismo poderia ser definido como a busca sistemática de ferramentas e soluções empresariais para os problemas atuais e futuros. No Brasil, pode-se afirmar que a disciplina empreendedorismo busca ensinar ferramentas, que muitas vezes, já deveriam ter sido ensinadas por outras disciplinas do programa de administração, mas que o conteúdo programático não foi posto no programa ou esquecido de ser dado. A principal forma de ensinar como fazer um empreendedor ter sucesso é obrigando o mesmo a fazer um detalhado plano de negócio da sua idéia antes de pô-la em prática. Mas, as ferramentas utilizadas para pôr em prática um plano de negócios, muitas vezes não foram dadas no transcorrer do curso, o que impossibilita que o mesmo, seja feito com a profundidade

necessária e que as competências da futura empresa já sejam conhecidas e desenvolvidas. Se os alunos dos cursos de administração do país muitas vezes não conseguem desenvolver um bom plano de negócios, que capacidades terão outros membros da sociedade em fazê-los, desconhecendo as ferramentas necessárias?

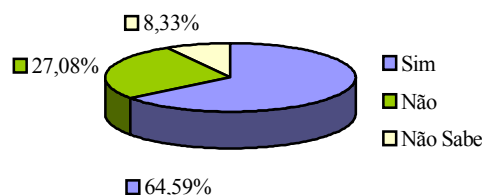
Empreendedorismo busca a capacidade individual de empreender, o processo de iniciar e gerir empreendimentos e o movimento social de desenvolvimento do espírito empreendedor<sup>ix</sup>.

O desconhecimento das expectativas e necessidades dos alunos da disciplina formação de novos empreendimentos no curso de administração, faz com que muitas vezes informações desnecessárias tomem tempo de fatores primordiais para a habilitação de um aluno na formação de seu negócio.

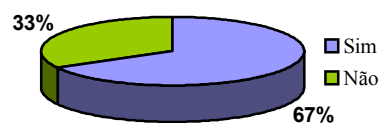
Além da pesquisa realizada junto aos alunos da FURB, outras pesquisas foram utilizadas para melhor embasar o artigo e demonstrar outras realidades.

Pode-se observar com os gráficos do curso noturno e diurno da FURB, e com a pesquisa realizada pela universidade de Alagoas<sup>x</sup>, o elevado interesse dos estudantes universitários brasileiros em abrir seu negócio. Em todos os casos analisados, mais de 63% dos entrevistados têm interesse em abrir seu próprio negócio.

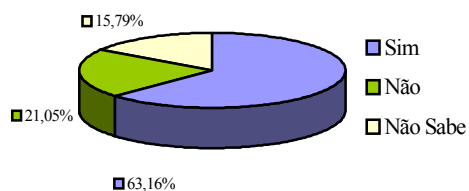
**Figura 1:** Percentual de interessados em abrir uma empresa própria



Fonte: Pesquisa Própria com Curso Noturno de 2001



Fonte: Pesquisa realizada pela Universidade de Alagoas



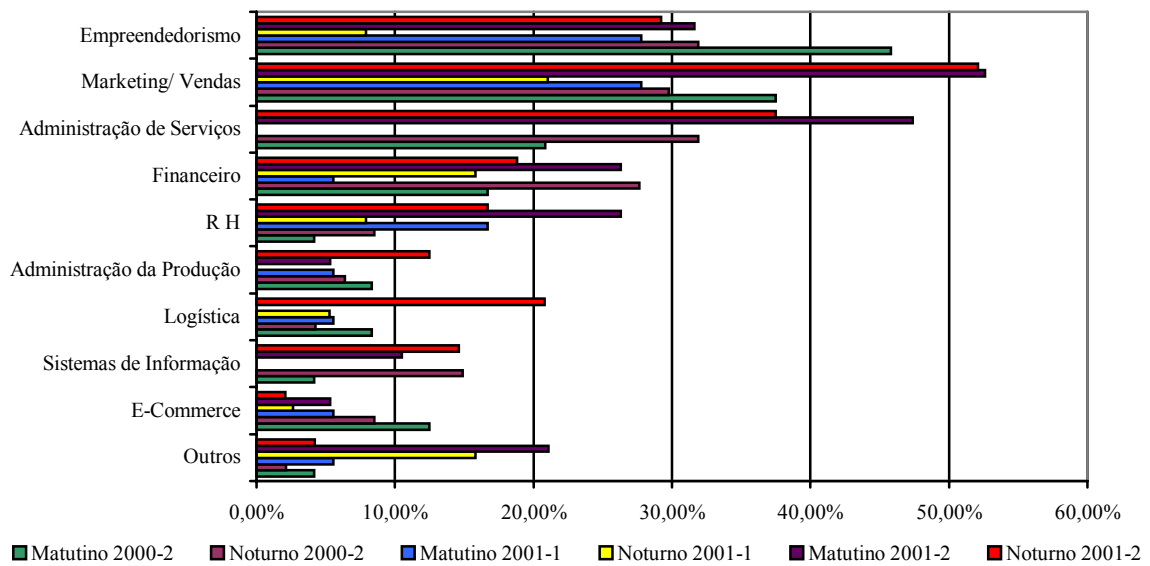
Fonte: Pesquisa Própria com Curso Diurno de 2001

A pesquisa foi aplicada no universo total de alunos da disciplina de formação de novos empreendimentos, desde a sua implantação no sétimo semestre<sup>xi</sup> na Universidade Regional de Blumenau - FURB. Um questionário com perguntas fechadas foi aplicado durante a segunda, no curso de administração. O questionário teve como objetivo principal levantar as

expectativas dos alunos quanto a disciplina e a pré-disposição ao empreendedorismo dos mesmos.

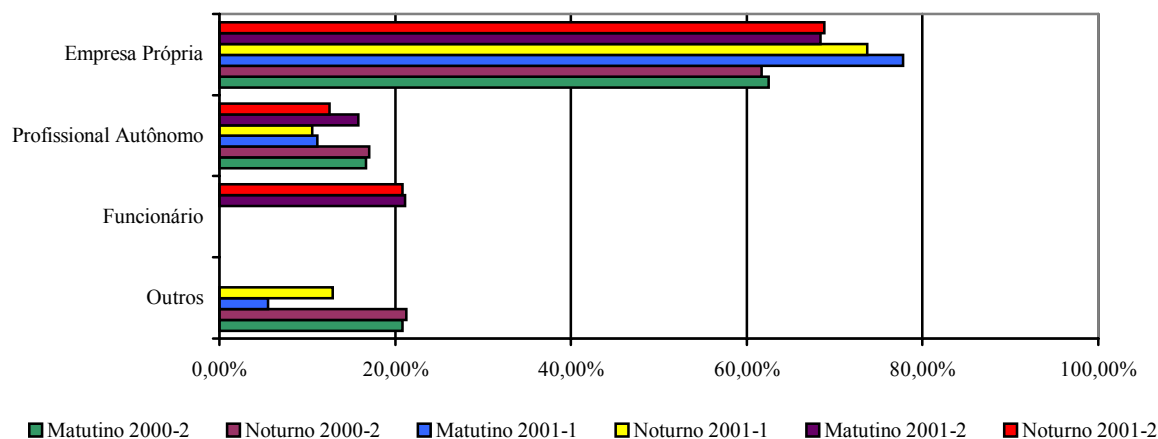
Quando os alunos foram perguntados sobre suas intenções de direcionamento profissional, ficou claro que o empreendedorismo está presente entre as áreas administrativas mais requisitadas pelos estudantes que irão se formar em administração de empresas. É algo inovador ver o empreendedorismo sendo comparado com especialidades como o marketing, geralmente a preferida dos estudantes. Claro que com conhecimentos das ferramentas administrativas, relacionadas ao marketing, finanças, recursos humanos, produção e outras, são necessárias para o bom andamento de um empreendedor.

**Figura 2:** Intenções de direcionamento profissional



Essa constatação junto aos alunos, faz necessário repensar o plano de ensino das disciplinas das universidades, que devem ensinar as ferramentas básicas da administração de empresas. Segundo DOLABELA (2001) criador da metodologia utilizada pela oficina do empreendedor, o professor tem que criar um espaço cultural, onde o aluno será contaminado pelo “vírus empreendedor”.

Comparando ao gráfico anterior, pode-se observar no gráfico sobre a forma de vinculação pretendida, agora de forma mais explícita, a plena consciência de busca da autonomia por parte dos entrevistados.

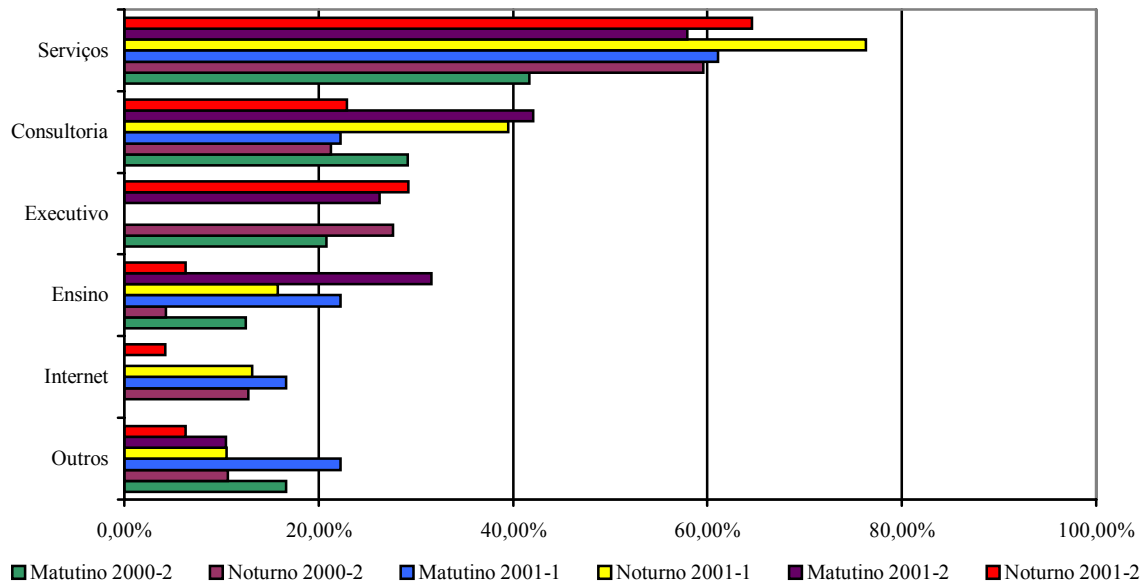
**Figura 3:** Forma de vinculação

Com a observação do gráfico acima, se evidencia a gravidade da afirmação de KANITZ (1994), que disse que os cursos de administração tendem a preparar bons executivos para a realidade das grandes organizações, mas ainda não conseguem formar pessoas competentes para criar novas empresas.

A forma de atuação pretendida pelos entrevistados concentra-se na área de serviços. A suspeita da grande preferência por consultoria foi comprovada. A consultoria é uma tendência forte, por isso foi colocada como uma categoria a parte aos serviços.

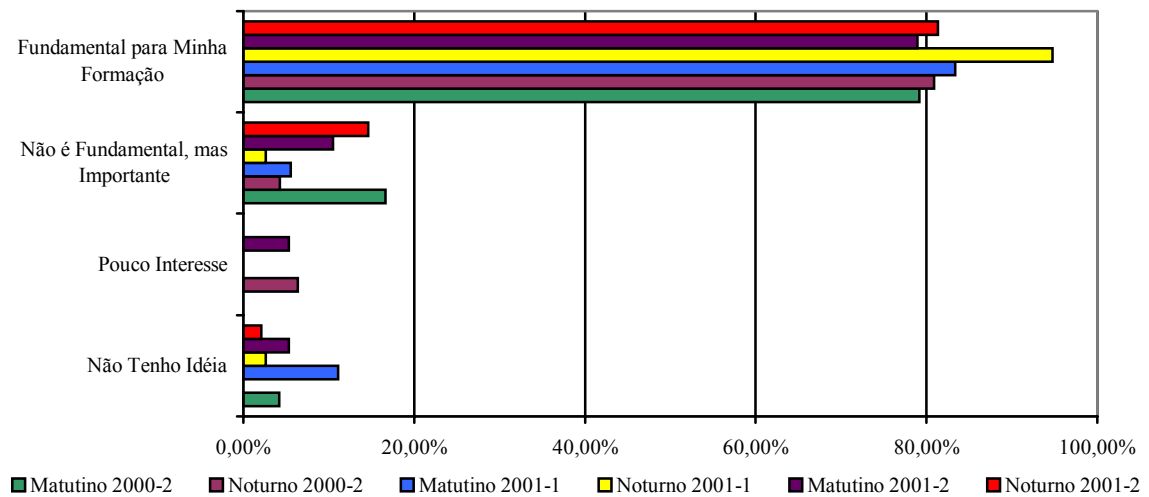
Fatores locais também devem ser relatados neste artigo, pela sua forte influência sobre os entrevistados; a indústria têxtil e empresas de software são dois pontos de extrema relevância para a economia de Blumenau. É muito importante observar o crescimento do setor de serviços, que está em pleno desenvolvimento no Município, que preponderantemente e constantemente está sendo renovado pela juventude, como comprova o gráfico sobre a forma de atuação pretendida.

**Figura 4:** Forma de atuação

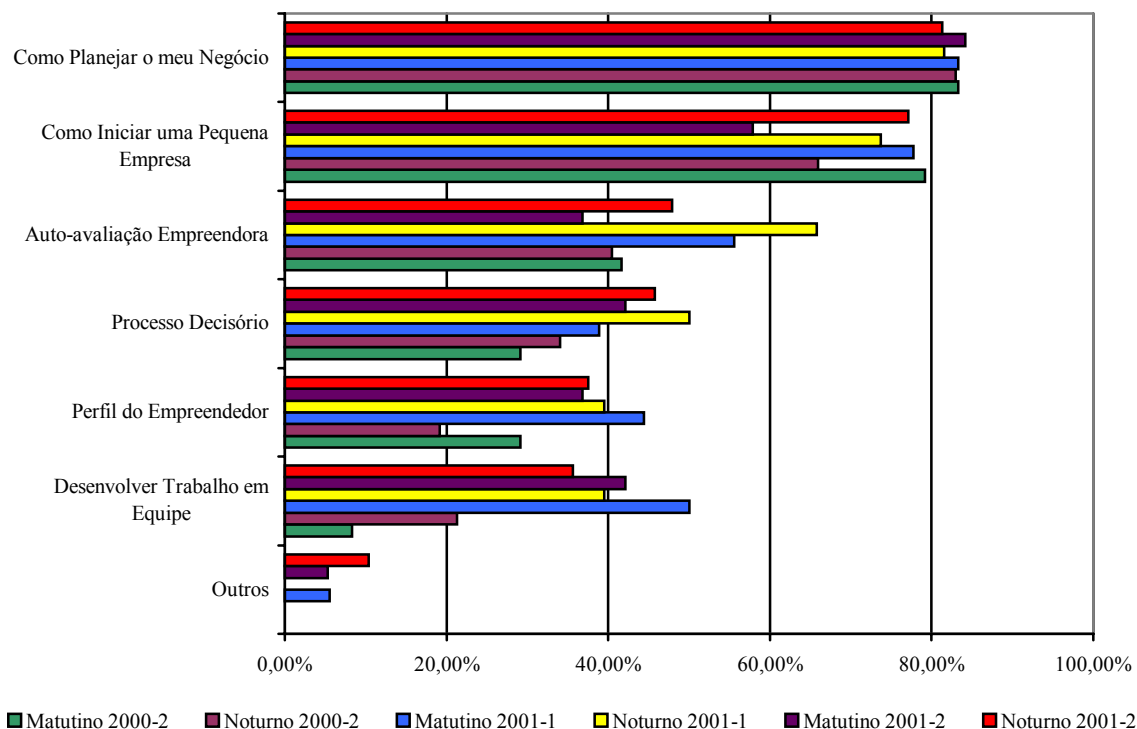


É fundamental, a observação do interesse real dos estudantes em efetivamente estudar para serem empreendedores. O gráfico sobre o interesse na disciplina de formação de novos negócios, dada no final do curso de administração realizado na FURB, demonstra que em torno de 80% dos alunos considera fundamental essa disciplina.

**Figura 5:** Interesse na disciplina



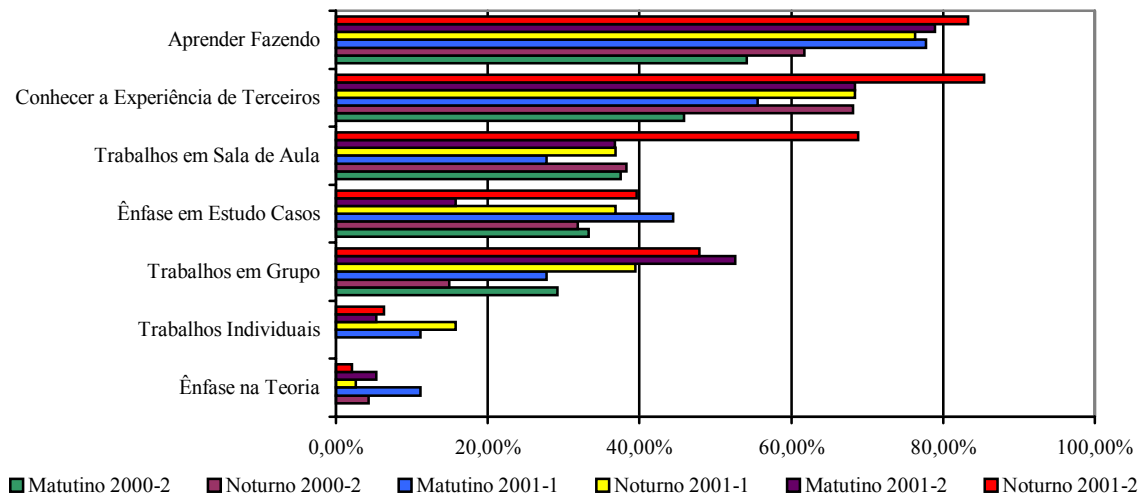


**Figura 6:** Expectativa em relação ao programa da disciplina

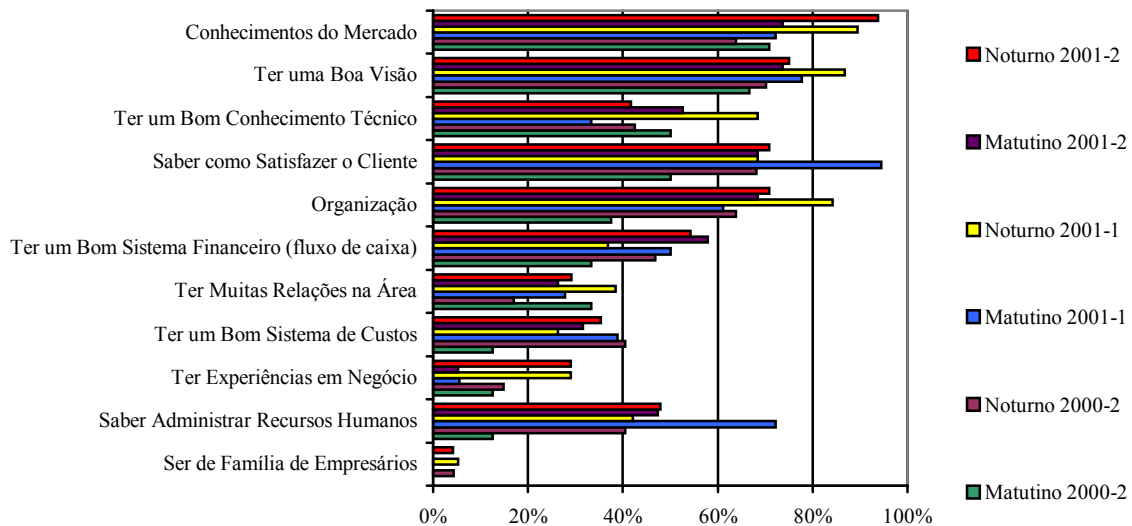
As expectativas quanto ao programa da disciplina demonstram que planejar e iniciar a empresa própria são a principal preocupação dos alunos ao começarem a disciplina, o que demonstra também uma carência por parte dos alunos em conhecer melhor as ferramentas de administração de negócios. Outra possibilidade é que exista a insegurança em pôr seus conhecimentos em prática, por parte dos alunos. Segundo DORNELLAS (2001, p. 57), *o principal problema dos empreendedores brasileiros é a falta de planejamento, por isso o ensino do empreendedorismo é tão importante.*

Para a formulação da didática que deve ser aplicada para a melhor condução das aulas, pode-se observar, que os alunos não querem mais aulas passivas, com muita teoria.

Claro que é importante embasamento teórico, fato observado também no gráfico. O interesse em participação e assimilação de conhecimentos através da experiência de terceiros, é considerado fator relevante para o andamento das aulas. Outra característica é a tendência em se trabalhar em grupos.

**Figura 7:** Expectativa quanto a condução das aulas

Buscou-se levantar junto aos alunos os principais fatores que eles consideram ao abrir o seu negócio. O conhecimento do mercado é apontado como o principal fator para a abertura do negócio em determinado ramo.

**Figura 8:** Principais fatores para abrir negócio próprio

É importante colocar que os alunos de administração demonstraram extremo conhecimento da realidade das empresas, ao responder sobre os principais fatores para abrir seu negócio próprio. Segundo DOLABELA (1999) e DORNELLAS (2001), para o empreendedor que queira abrir seu negócio e ter sucesso, é fundamental que o mesmo tenha grande conhecimento em análise de mercado, em como satisfazer seus clientes e ter uma visão de futuro do seu empreendimento.

## PROPOSTA E CONCLUSÕES

Segundo o levantamento realizado nessa pesquisa, contata-se que o espírito empreendedor faz parte da maior parte dos jovens estudantes administradores. E que o empreendedorismo é apreciado não somente no conceito do empreendedor, dono de seu negócio, como também, empregado ou executivo. Nesse caso é importante que os desejos de conhecimento existente entre os jovens seja suprido, e que o suporte para o empreendedorismo de sucesso continuado se alcance. Assim, exemplos de programas como SoftStart (parceria entre Softex 200 e Gênese), entre outros, são bem vindos para junto das universidades. Para RODRIGUES (1997) deverão ser desenvolvidas diretrizes como instrumento para a elaboração de planos institucionais macros que permitirão maior eficiência organizacional, maior agilidade e maior capacidade competitiva das universidades especialmente das universidades de pesquisa (geradoras) e das universidades tecnológicas (aplicadoras). Dentro dessa visão, exemplos vindos de outros países, podem ser copiados e adaptados às necessidades locais, exemplos esses, como dos Estados Unidos (MIT) e Portugal (Associação Nacional de Jovens Empresários). Agências de empresários, academia dos empreendedores, sistema de apoio a jovens empresários, formação de iniciativas associativas, centros de incubação e ninhos de empresas também deveriam ser copiados e apoiados pelas universidades, as quais são as responsáveis pela capacitação dos membros de tais organizações.

Como exemplo de bom desenvolvimento do empreendedorismo através da educação gerada pelas universidades, temos o Instituto de Tecnologia de Massachussets (MIT)<sup>xii</sup>, uma das principais universidades dos Estados Unidos na geração de alunos-empreendedores. Cerca de 4 mil empresas já foram abertas por ex-alunos do MIT, as quais geram 1,1 milhões de postos de trabalho e movimentam cerca de US\$232 bilhões ao ano. Anualmente, os ex-alunos do MIT abrem em média 150 novas empresas. Considerando-se o valor da produção, este montante de US\$232 bilhões gerado pelas empresas dos ex-alunos do MIT seria equivalente a posição de 24ª economia do mundo.

Outro exemplo que pode ser considerado modelo, de muito sucesso nacional, é o realizado pela universidade da PUC do Rio de Janeiro. Nesta Universidade, há anualmente a formação de várias empresas entre seus alunos, principalmente empresas de base tecnológica, por meio de um plano de formação de empreendedorismo que envolve três disciplinas específicas na graduação, sendo uma delas totalmente direcionadas ao ensino do Plano de Negócios. Durante o curso, o aluno graduando tem a possibilidade de desenvolver projetos de pesquisas ou extensão na Empresa Júnior da Universidade ou prestando assessoria a instituições externas, através de um convênio com o Sebrae. Depois de formado, o aluno tem a opção de desenvolver assessorias e/ou utilizar a incubadora da Universidade para iniciar a sua empresa, recebendo assim, algumas vantagens da instituição para consolidar o seu próprio empreendimento.

Como a maioria dos alunos possuem o sonho de terem uma empresa própria, é necessário que as ementas e programas das disciplinas específicas de empreendedorismo contemplem alguns aspectos básicos, como: auto-avaliação empreendedora; características do empreendedorismo e dos empreendedores; oportunidades de mercado; principais dificuldades dos novos negócios; estudos de mercado; passos para o início de uma nova empresa; estudo e análise de assuntos relacionados à visão; planejamento de um novo negócio e principalmente, desenvolvimento de um Plano de Negócios.

Outro aspecto fundamental, para um ensino de empreendedorismo eficaz nas Universidades, é a adequação didática dos professores para atender às expectativas e demandas dos alunos, e que, nesta área do conhecimento, notadamente estão direcionadas para didáticas modernas, resultando em aulas dinâmicas e interativas.

Nas disciplinas de Empreendedorismo é importante que os alunos aprendam fazendo, ou seja, o professor assume (em sala de aula ou fora dela) o papel de organizador, orientador, consultor, indicando caminhos, abrindo portas e principalmente questionando os alunos sobre todos os aspectos de um novo empreendimento. Neste modo, o aluno assume um papel de protagonista no processo, pondo em prática, condutas operacionais de auto-aprendizagem. Obviamente, deve ser preocupação constante do professor desenvolver no aluno os aspectos da aprendizagem na conduta pessoal, para fazer com que os novos e maiores conhecimentos assumidos por ele não se limitem ao campo técnico, mas sim, se ampliem ao aspecto comportamental.

A necessidade de um contato efetivo com a realidade aconselha utilizar simultaneamente ou não, os seguintes mecanismos: a) assistência de comprovados empreendedores líderes que exponham as vivências que lhe permitiram alcançar êxito (lições de vida); b) visitas a empresas e a empreendedores programadas e não improvisadas, com instruções prévias do professor e do empreendedor ou algum executivo da empresa que será objeto da visita, comprometendo os alunos à redação de um informe breve, porém crítico da mesma; c) entrevistas programadas com empreendedores para que o aluno possa efetuar-las na empresa objeto do estudo. A preocupação do docente deve ser a instrução aos alunos para evitar que a entrevista seja mal entendida por parte do destinatário. O relato das entrevistas deverão ser objeto de análises críticas por parte dos demais alunos com o objetivo de vivenciar experiências empreendedoras e facilitar a aprendizagem de técnicas de entrevistas eficazes.

Dado o papel predominante que o grupo assume no mundo corporativo e no empreendedorismo (pois o grupo supõe um líder e o líder supõe o grupo) uma atenção particular deve ser dedicado ao trabalho em equipe, nesta disciplina. Os docentes devem ser treinados para atuar como facilitadores de grupos oferecendo “um modelo vivo” para a condução das equipes.

O empreendedorismo necessita ser considerado como o tecido constitutivo de todas as disciplinas que são próprias da formação do administrador. Só quando se entende que todas as disciplinas do curso de administração tenderão ( se querem ou não) a colorir-se de empreendedorismo, teremos homens formados na teoria, porém com comprovação experimental na prática.

Deve ser responsabilidade das universidades qualificar seus estudantes para os mesmos fazerem do Brasil, não só um local onde iniciativas de empreendimento ocorrem, mas também, um lugar onde empreendedores de sucesso e ótimos gestores tenham condições de melhorar a situação social e econômica de um país onde a esperança em um futuro melhor é a última que morre.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALCADIPANI, R., BRESLER, R. A MacDonalidização do Ensino. In: **Carta Capital**, 122: 20-24, 10 maio, 2000.
- BARRETO, C. O., KENNERT, M. M. A evolução da análise organizacional no Brasil. In: **Revista de Administração de Empresas**, 34(3): 81-90, maio/jun, 1994.
- BARRETO, C. O., CALDAS, M. P., WOOD JR., T. Produção científica em administração de empresas: provocações, insinuações e contribuições para um debate local. In: **Revista de Administração Contemporânea**, 3(1): 147-178, jan/abr, 1999.
- BERNHOEFT, R. **Como tornar-se empreendedor (em qualquer idade)**. São Paulo: Nobel, 1996.
- DOLABELA, F. **O segredo de Luísa**. São Paulo : Cultura, 1999.
- DORNELLAS, J.C.A. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro : Campus, 2001.
- EMPREENDEDORISMO. Desenvolvimento pelo Geranegócios. Disponível em: <http://www.geranegocios.com.br/html/geral/p15c.html>. Acesso em: 17 ago. 2001.
- FUCHS, D. **O desafio de se tornar um empreendedor: planejamento é preciso para recém-formado interessado em abrir empresa**. In: *Jornal de Santa Catarina*, Blumenau, ½ set. 2001. *ClassiSanta Empregos & Carreira*, p. 1.
- KANITZ, S. C. **O Brasil que dá certo: o novo ciclo de crescimento 1994-2005**. São Paulo: Makron Books, 1994.
- LAMBRANHO, L. Por um país empreendedor. In: **Revista Empreendedor**, 6(80): 54-57, JUN, 2001.
- MACHADO-DA-SILVA, C., CARNEIRO-DA-CUNHA, V., AMBON, N. Organizações: estado de arte da produção acadêmica no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 14, 1990, Florianópolis. **Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração** de 1990. Belo Horizonte: ANPAD, 1990. v. 6, p. 11-28.
- MORAIS, E. F.C. **Estratégia Competitiva: Estratégias para Pequenas Empresas**. Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico. Brasília : GH Comunicação Gráfica Ltda, 1999.
- NORMANN, R. **Administração de Serviços: Estratégia e Liderança na Empresa de Serviços**. tradução Ailton B. Brandão. São Paulo: Atlas, 1993.
- PAES-DE-PAULA, A. P. Tragtenberg e a Resistência da Crítica: pesquisa e ensino na administração hoje. In: **Revista de Administração de Empresas**, 41(3): 77-81, jul/set, 2001.
- PANTZIER, R. D. **Empreendedorismo e Formação de Administradores: uma análise do curso de administração da Universidade Regional de Blumenau**. Blumenau, 1999. 90p. Dissertação de Mestrado – CCSA, FURB.

SILVA, Daniel Nascimento. **O Empreendedorismo como modismo universitário**. Estudos e Pesquisas em Administração. Desenvolvido pelo EPA. Disponível em: <http://www.epa.adm.br/empreend004.htm>. Acesso em: 20 set. 2001.

TRAGTENBERG, M. **A delinqüência acadêmica**: o poder sem saber e o saber sem poder. São Paulo: Rumo, 1979.

VERGARA, S., SOUZA-CARVALHO-JR., D. Nacionalidade dos Autores referenciados na literatura brasileira sobre organizações. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 19, 1995, João Pessoa. **Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração** de 1995. Salvador: ANPAD, 1995. p. 169-188.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<sup>i</sup> No contexto: as tarefas de ensino, pesquisa e de prestação de serviços à comunidade.

<sup>ii</sup> Nesse artigo: escola igual a entidade de ensino superior.

<sup>iii</sup> Segundo BERNHOEFT (1996).

<sup>iv</sup> Fonte: IBGE - Estrutura Produtiva de 1994.

<sup>v</sup> Nesse caso: empresas com mais de 500 empregados (classificação adotada pelo SEBRAE).

<sup>vi</sup> Livros produzidos pela indústria do *management*

<sup>vii</sup> Segundo PAES-DE-PAULA (2001, p. 77).

<sup>viii</sup> Segundo SILVA (2000).

<sup>ix</sup> Segundo EMPREENDEDORISMO (2001).

<sup>x</sup> Segundo pesquisa realizada pela incubadora de empresas da Universidade de Alagoas (Incubal), pesquisa sobre o nível de empreendedorismo de sua comunidade acadêmica. A amostragem foi composta de 1.442 estudantes, técnicos e professores da UFAL e do CEFET, mostrou-se com a pesquisa que 67% dos entrevistados mostraram interesse em abrir negócios. Nessa parcela de entrevistados, há uma distribuição entre as faixas etárias de 18 a 34 anos, a faixa de maior interesse estava concentrada entre 23 à 26 anos.

<sup>xi</sup> O curso foi implantado em 2000-2, ou seja, 6 turmas foram analisadas. Em média 40 alunos por turma.

<sup>xii</sup> Segundo FUCHS (2001, p. 1).